

A MISSÃO DE JESUS E O PROFETISMO EM SUA ÉPOCA

Vanderlei Gianastacio¹

Faculdade Teológica Batista de São Paulo

RESUMO

A função profética da Igreja atual precisaria ser reconsiderada à luz do que Jesus e seus discípulos desenvolveram quando estavam juntos. Esse artigo considera as pesquisas de Richard Horsley acerca do profetismo na Palestina antiga e como ocorreram a inspiração e atuação desses profetas. Dessa forma, considera-se como os profetas agiram desde a época de Moisés até o período do exílio Babilônico. Logo depois, também é analisado a atuação dos profetas galileus e o conceito que eles tinham de restauração do povo de Deus. A partir dessa ótica, observa-se a função da Igreja atual e como ela poderia desenvolver uma ação profética mais ampla do que já tem feito.

Palavras-chave: Jesus, profetismo e Igreja.

ABSTRACT

The prophetic role in the contemporary church should be reconsidered in light of what Jesus developed together with His disciples. This article focuses on Richard Horsley's research regarding how the prophetic ministry and the role of the prophets were evolved in ancient Palestine. Therefore, it is taken in consideration how the prophets lived out their lives from the time of Moses to the period of the Babylonian captivity. It's also analyzed how the prophets from Galilee acted and how they understood the concept of the restoration of Israel. From this perspective, it is observed how the contemporary church should mature and how it could advance in a much wider direction than it has already done.

Key words: Jesus, prophetism and Church

O profetismo na época de Jesus

É pela análise do profetismo na época de Jesus que se pretende perceber qual eram os objetivos dos profetas e dos movimentos que eles lideravam. Sabendo que nesse período havia dois tipos de profetas, nota-se também que

cada um deles influenciava as pessoas, segundo os seus propósitos. É nesse contexto de expectativas do povo judeu, submisso aos romanos, que Jesus desenvolve a Sua missão. O estudo do comportamento desses líderes se dará a partir da obra de, Richard A. Horsley e John S. Hanson *Bandidos, profetas e Messias: movimentos populares nos tempos de Jesus*, editada pela Paulus, em 2007.

Profetas e movimentos proféticos no Antigo Testamento

Horsley e Hanson (2007, p. 125) afirmam que havia dois tipos de profetas populares, o oracular e o de ação. Este agia, inspirando o povo com o objetivo de levá-lo a uma ação redentora antecipada de Deus. Esse ato se dava por meio de um movimento popular, animando o povo a participar de forma vigorosa. Aquele apresentava um discurso com o conteúdo da redenção iminente de Deus, anunciando, assim, o julgamento. A liderança de ambos os profetas ocorria por meio do profeta de ação, pois essa era estrutura característica da sociedade judaica.

Para perceber a origem desse comportamento, é importante observar o Antigo Israel. Tal povo, “não tinha instituições estatais estabelecidas” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 125). O governo dos israelitas estava estruturado na sua aliança com Javé. Era essa aliança que fazia os clãs ou as tribos sustentarem uma coesão, a qual colaborava para a sobrevivência do povo (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 125). Um dos elementos que caracterizou a sociedade de Israel foi a libertação de instituições que a oprimia. Pode-se perceber esta na opressão dos egípcios sobre os hebreus.

Após a saída do Egito, Javé passa a ser o único Rei para os israelitas. A postura deles para com Deus era a de servo. Quando os reis de outras instituições, como o dos cananeus queriam forçar os israelitas à subordinação, os líderes carismáticos do povo de Israel incentivavam-no a obediência a Javé, e dessa forma, organizava o povo para a guerra. As batalhas traziam para o povo “o sentimento de que o próprio Javé conduzia na libertação ou na defesa da sua liberdade” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 125). O mensageiro de Deus que anunciava a ação de Javé era denominado de juiz, da mesma forma, este também era o líder do povo que procurava entender a ação de Deus, em obediência a Ele. O conceito de juiz não se limita apenas a um mensageiro único. Além disso, ele liderava movimentos relacionados à política e à religião.

A descrição desses líderes carismáticos é possível encontrar nos seguintes textos, Jz. 3:9-10; 3:15; 3:27-28. “Então os israelitas pediram socorro ao Senhor, e ele mandou um homem para libertá-los. Esse homem foi Otoniel, filho de Quenaz, o irmão mais novo de Calebe” e “ele foi guiado pelo Espírito de Deus, o Senhor, e se tornou o líder de Israel. Otoniel foi para a guerra, e o Senhor fez com que ele vencesse o rei da Mesopotâmia”. Em Juízes 3:15, lê-se, “então os israelitas pediram outra vez socorro ao Senhor, e ele mandou outro homem para libertá-los. Foi Eúde, filho de Gera, da tribo de Benjamim. Eúde era canhoto. O povo de Israel mandou-o levar o pagamento dos impostos para Eglom, rei de Moabe”, em Juízes 3:27, encontra-se o texto, “quando chegou lá, nas montanhas de Efraim, ele tocou uma corneta de chifre de carneiro para chamar os homens de Israel para a luta. Ele os guiou montanha abaixo,” e em 3:28, “dizendo: —sigam-me. O Senhor Deus deu a vocês a vitória sobre os inimigos, os moabitas. Então os israelitas o seguiram e tomaram o lugar onde os moabitas costumavam atravessar o rio Jordão. E não deixaram ninguém atravessar”.

Além disso, Horsley e Hanson (2007, p. 125) afirmam que o cântico de Débora também “celebra a vitória de um desses movimentos”, nesse caso, sob a liderança de uma profetisa. O livro de Juízes trata disso no capítulo 4, versículo 4, “Débora, mulher de Lapidote, era profetisa. Era também juíza dos israelitas naquele tempo”. O livro ainda continua abordando o mesmo assunto em Jz. 5:2, quando afirma “louvem a Deus, o Senhor! Os israelitas resolveram lutar, e o povo se apresentou alegremente!” e depois em 5:3, “ouçam, reis! Prestem atenção, governadores! Eu tocarei música e cantarei ao Senhor, o Deus de Israel!”

As afirmações continuam em Juízes 6:7, “quando eles oraram ao Senhor por causa dos midianitas,” e 6:8 “ele mandou um profeta, que lhes disse: - Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Eu tirei vocês da escravidão do Egito” e no capítulo 10, versículos 11 a 13, “E o Senhor respondeu: - No passado os egípcios, os amorreus, os amonitas, os filisteus, os sidônios, os amalequitas e os maonitas escravizaram vocês, e vocês me pediram socorro. E eu os salvei deles. Mas assim mesmo vocês me abandonaram e adoraram outros deuses. Por isso eu não vou mais ajudá-los”.

Esses movimentos proféticos ocorreram em torno de duzentos anos antes que surgisse a monarquia. Dentre esses movimentos, o mais destacado, na tradição bíblica, foi o da libertação do Egito, o êxodo e a travessia do mar sob a liderança de Moisés. Na continuidade do processo de libertação a alcance da terra prometida, Josué passou a ser importante, talvez não tanto

quanto Moisés, quem “por meio de visões e comunicação direta da vontade de Deus, recebeu a missão de conduzir a libertação dos israelitas escravizados no Egito” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 127).

Da mesma forma que foi com Moisés, Deus também realizou sinais e prodígios por meio de Josué, como a vitória sobre a cidade de Jericó e as águas do rio Jordão que ficaram paradas. Entende-se assim, que Javé agiu contra os inimigos de Israel provocando medo neles. Josué incentivou o povo a uma renovação da aliança e a uma sociedade justa. Assim, Horsley e Hanson entendem que o texto de Dt. 18:15, “do meio de vocês Deus escolherá para vocês um profeta que será parecido comigo, e vocês vão lhe obedecer”, reflete o líder carismático Josué (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 127).

A monarquia em Israel desenvolveu funções diferentes na liderança, a de ação e a de mensagem. Com Samuel, é possível perceber que ele é o último juiz, um profeta que agia como líder militar. Já na época de Davi, Natã desenvolvia apenas a função de profeta, enquanto Davi, a de líder político e militar.

Quando a instituição da monarquia se consolidou, parecia que o profeta certamente seria confinado ao papel de porta-voz. De fato, no tempo dos grandes profetas do século VIII e VII, Amós, Isaías, Oseias e Jeremias, o profeta era um mensageiro que anunciava a palavra de Javé. Entretanto, as tradições e formas sociais da aliança do antigo Israel não foram imediata e completamente suprimidas pela monarquia. As narrativas bíblicas sobre Elias e seu sucessor Eliseu mostram que profetas, ao mesmo tempo mensageiros e líderes de movimentos, continuaram a existir por longo tempo, período monárquico adentro no reino setentrional de Israel, se não no reino de Judá (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 127).

A função de juiz também foi exercida pelos profetas Elias e Eliseu. Eles anunciavam tanto a proteção do povo de Israel em relação aos demais povos, como o poder de Deus para a redenção. A ação de Eliseu se deu nos anúncios de libertação do povo em relação ao exército sírio e na percepção das estratégias das forças inimigas, a ponto de orar a Deus, solicitando intervenção, como em II Rs. 6:8-10:18. Percebe-se assim, que mesmo com a existência da monarquia, os profetas não deixaram de liderar movimentos proféticos “com uma base social popular e uma forma social característica” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 128).

Em II Rs. 4:38, nota-se a presença de grupos de profetas que desenvolviam o aprendizado nessa área. “Certa vez, quando havia falta de alimentos naquela terra, Eliseu voltou a Gilgal. Enquanto estava ensinando um grupo de profetas, ele mandou que o seu empregado pusesse uma panela grande no fogo e fizesse um cozido para eles”. Esses grupos provocavam ações como de insurreição, quando a corte e o rei estavam em desobediência a Deus. Jezabel e Acabe concordavam com vários profetas Baal, a ponto de pedirem a morte dos profetas de Javé (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 129).

Horsley e Hanson (2007, p. 128) também lembram que a ação dos profetas populares aponta para a libertação ocorrida na época de Moisés e Josué. Em II Rs. 2:8 é possível encontrar sinais semelhantes ao que ocorreram no passado. O texto traz a seguinte informação de quando Elias e Eliseu chegaram ao rio Jordão, “aí Elias tirou a sua capa, enrolou-a e bateu com ela na água. A água se abriu, e ele e Eliseu passaram para o outro lado, andando em terra seca”. Mesmo depois que Elias tinha sido arrebatado, Eliseu e ficara com a capa de Elias, usara a mesma com a finalidade de parar as águas. Tais fatos são “evidentes sinais proféticos de uma libertação iminente que lembram Moisés e a passagem pelo mar, quando o povo de Israel fugia do Egito. A revolução liderada por Jeú teve início com um movimento de profetas.

Já os profetas dos séculos VIII e VII a.C. agiram como porta-vozes de Deus. Não organizaram exércitos, a partir de movimentos, pois tinham como princípio a aliança mosaica. Foi esta que, no período dos Juízes, estruturou Israel na área política e social, visto que os princípios da aliança permaneceram por longo tempo entre os camponeses, independente da presença monárquica em Israel. Quanto aos porta-vozes de Deus, observa-se que os profetas oraculares são denominados por Horsley e Hanson de “mensageiros da aliança”. Deus acusa os líderes por terem violado a aliança como em Mq. 6:1-5 e Os. 4:1-3 (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 129).

O mesmo autor afirma que “no julgamento profético de ambos os reinos, Judá e Israel, o povo, especialmente os poderosos, tinha deixado de observar os princípios básicos da política social expressa no decálogo [...]” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 130). O problema dessa liderança é que deixou de se esforçar para manter a igualdade nas relações sociais e econômicas, como também “haviam persistentemente explorado os pobres e os mais fracos” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 130).

Essas afirmações são expostas no texto de Amós 2:6, “o Senhor Deus diz: — o povo de Israel tem cometido tantos pecados, tantos mesmo, que eu tenho de castigá-los. Vendem como escravos pessoas honestas que não podem pagar as suas dívidas e até aquelas que são tão pobres, que não podem pagar a dívida que fizeram para comprar um par de sandálias” e também o versículo 7 do mesmo capítulo, “perseguem e humilham os pobres e fazem injustiças contra as pessoas simples. Pais e filhos têm relações com prostitutas nos templos pagãos e assim envergonham o meu santo nome”. Dessa forma, a função dos profetas era de anunciar a ira de Deus, por causa da infidelidade do povo para com a aliança (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 130).

Os profetas tinham consciência que tal desobediência poderia resultar na destruição de ambos os reinos, Judá e Israel. “Além desses pronunciamentos e apelos, os profetas oraculares clássicos muitas vezes dramatizavam sua mensagem”. Essa dramatização se dava “com ações simbólicas que impressionavam seus contemporâneos como comportamento estranho e até como sinal de loucura” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 130). Dois fatos podem ser lembrados, um é o caso de Isaías que andou nu pela cidade num período de três anos, e o outro é o caso de Jeremias que pôs canzil no pescoço com a finalidade de mostrar para o povo de Israel o que seria a submissão a Nabucodonozor, imperador da Babilônia.

Horsley e Hanson (2007, p. 131) também lembram que as mensagens dos profetas geralmente eram apresentadas no templo, ou em Jerusalém, bem como dirigidas para os poderosos, como os reis, por exemplo. A proclamação dos profetas tinha como base o julgamento de Deus contra a opressão e as injustiças realizadas pelos governantes, como também pelos ricos. O autor também aponta as palavras veemente do profeta Miquéias, “‘Ouvi ... magistrados da casa de Israel, que edificais Sião com sangue... e comeis a carne do meu povo... por culpa vossa... Jerusalém se tornará um lugar de ruínas...’ (Mq. 3:1-3, 9-13)”.

Entendendo que o conteúdo das mensagens dos profetas abordava as pessoas exploradas e os exploradores, Horsley e Hanson afirmam que tais profetas acabavam se caracterizando como porta-vozes dos camponeses. Essa compreensão tem fundamento na terra natal dos profetas, como são os casos de Amós e Miquéias que eram camponeses. Jeremias era de uma aldeia do nordeste de Jerusalém. Horsley e Hanson afirmam que “até os sacerdotes e seu sofisticado sistema cúltico foram condenados, porque haviam esquecido ou suprimido a lei, e sua exploração do povo culminava com roubos e assassinios” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 131). Essas afirmações são

possíveis encontrá-las em Os. 4:4-6, “o Senhor Deus diz: - Não acusem nem repreendam o meu povo. A minha acusação é contra vocês, sacerdotes”, e “dia e noite, vocês andam sem rumo, e os profetas fazem o mesmo. Vou acabar com Israel, a mãe de vocês”, também “o meu povo não quer saber de mim e por isso está sendo destruído. E vocês, sacerdotes, também não querem saber de mim e esqueceram as minhas leis” e termina com a afirmação “portanto, eu não os aceito mais como meus sacerdotes, nem aceitarei os seus filhos como meus sacerdotes”.

No capítulo 6:9, do livro de Oseias, encontram-se afirmações contra os sacerdotes. O texto diz, “os sacerdotes são como assaltantes que esperam escondidos para roubar os outros. Na estrada que vai para Siquém, eles matam e cometem crimes horrorosos”. No mesmo livro, em 10:1, encontra-se, “o povo de Israel é como uma parreira cheia de uvas. Quanto mais ricos ficaram, mais altares construíram; e, quanto mais a nação progredia, mais colunas do deus Baal foram levantadas”. Com o profeta Miquéias, entende-se que os ricos exploradores de outras pessoas não queriam ouvir essas profecias, pois o texto traz a seguinte afirmação, “o povo me diz: - pare com essas profecias! Não diga isso! Não é possível que Deus faça a desgraça cair sobre a gente!” (Mq. 2:6) (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 132).

No período pós-exílico, os profetas já não voltavam seus anúncios para a monarquia, visto que a sociedade judaica estava passando por um período de submissão a outros impérios, como o da Babilônia, da Pérsia e da Grécia. Dessa forma, a esperança de que um líder político se levantasse e libertasse os judeus de sua situação social, havia diminuído, pois a esperança agora se voltava para os profetas populares. Um desses seria aquele que libertaria os judeus dos gregos e depois, dos romanos. Por esse motivo, o texto de Deuteronômio 18:18 torna-se importante para esse período, “do meio deles escolherei para eles um profeta que será parecido com você. Darei a esse profeta a minha mensagem, e ele dirá ao povo tudo o que eu ordenar” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 132).

Movimentos proféticos na época de Jesus

Horsley e Hanson (2007, p. 145) lembram que na época de Jesus, os camponeses judeus não tinham a mesma cultura que os grupos letrados. Sendo assim, estes se dedicavam à interpretação e ao estudo da Lei, já aqueles não. Witherington III (2005, p. 18) afirma que na época de Jesus, a “taxa de alfabetização nunca ultrapassou cerca de dez por cento, [...] é lógico que a maioria das pessoas, quando desejava que alguma coisa fosse escrita, recor-

ria a um escriba, um escritor profissional”.

O mesmo autor entende que, nesse período, a cultura literária estava limitada aos grupos letrados da elite, que pertenciam ao povo greco-romano. Este tinha condições financeiras “para mandar reproduzir documentos e fazer cópias para os amigos, além de ter tempo para lê-los ou mandar que alguém o fizesse em voz alta” (WITHERINGTON III, 2005, p. 20). Mesmo que o número de camponeses capaz de ler os textos antigos fosse pequeno, eles procuravam guardar as tradições, inspirando-se até mesmo nos profetas que lideraram movimentos e nos que anunciavam o juízo de Deus.

O profetismo estava muito vivo entre o povo judeu. A julgar pelas formas sociais particulares que assumiram, os dois tipos de profetas particulares no tempo de Jesus eram uma continuação ou uma revivescência das principais formas tradicionais conhecidas na história bíblica [...] numerosas pessoas, inspiradas e convencidas da iminência da ação de Deus, abandonavam seu trabalho, suas casas e aldeias para seguir seus líderes carismáticos no deserto. Elas sabiam pelas tradições sagradas que fora no deserto que Deus tinha manifestado sinais e prodígios de redenção em tempos antigos e que o deserto era o lugar da purificação preparação e renovação (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 145).

Mesmo vivendo sob opressão, o povo mais simples entendia que Deus não os havia abandonado. Algo ainda deveria ser revelado dentro do plano de redenção de Deus. Dessa forma, pode-se compreender o fato de João Batista ter aparecido no deserto, pois aquele era o local, simbolicamente, para a purificação. Já os seus trajes, trazia à memória dos camponeses o profeta Elias, ou então os mencionados em Zacarias, capítulo 13. Além disso, nota-se que o conteúdo da mensagem de João era escatológica. Por causa do julgamento que estava para acontecer, João exigia um batismo. Israel não fora fiel como deveria e “somente através de uma mudança completa de orientação, de um retorno pleno a práticas sociais justas, de acordo com a aliança (‘arrependimento’), as pessoas poderiam escapar da eminente ira de Deus” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 157). Não é possível concluir que João queria “fundar uma seita, ou liderar um movimento de massa, num evento escatológico decisivo de libertação” (HORSLEY & HANSON, 2007, p. 157).

Horsley e Hanson (2007, p. 158) também lembram que nas palavras de João, as exigências para pertencer à comunidade que se arrependesse consistiam na prática de um comportamento diferente, que abrangesse a justiça econômica e social. A concretização disso resultaria em pessoas que pertencem

cesse ao povo escatológico. Tal povo ainda tinha confiança nos exércitos celestes, como se pode perceber nas palavras de Jesus, em Mateus 26:52-53 “aí Jesus disse: - guarde a sua espada, pois quem usa uma espada será morto por uma espada”, e depois, “você não sabe que, se eu pedisse ajuda ao meu Pai, ele me mandaria agora mesmo doze exércitos de anjos?” (HORSLEY & HANSON, 2007, 162).

Brakemeier (1985, p. 20) lembra que Jesus tinha um estilo de vida simples, pois em Lucas 9:58, percebe-se que Ele não tinha lugar para próprio dormir. O evangelho de João, 12:6, afirma que Jesus e “seus discípulos tinham caixa comum. Jesus se opõe à divinização das posses, responsável não só pela perversão da fé como também pela miséria dos pobres e o desequilíbrio social” (BRAKEMEIER, 1985, p. 20). Ainda o mesmo autor escreve que

[...] o que merece a crítica de Jesus não é a propriedade como tal, nem os bens em geral, mas sim o apego indevido a eles, o culto à riqueza e sua concentração nas mãos de poucos. Os bens estão aí para servirem as necessidades humanas. Mas há neles um perigo latente: podem escravizar o ser humano, adquirindo então caráter demoníaco. Isto acontece sempre que se registra a presença de pobres. Uma sociedade que com ela se conforma, deve aprender a distribuir para ser salva (BRAKEMEIER, 1985, p. 21).

Bosch (2002, p. 61) escreve que os seguidores de Jesus, eram pessoas que iriam sofrer e, nesse caso, o único retorno que teriam disso seria em glória. Além disso, o reinado de Deus não estava limitado apenas às questões políticas, pois por meio dos exorcismos, dos milagres e das curas, a ação de Javé era manifestada (BOSH, 2002, p. 61). “Jesus ataca a hipocrisia de permitir-se uma discrepância entre aceitar a Lei como autoritativa e, mesmo assim, não agir de acordo com ela [...] no ministério de Jesus as pessoas importam mais do que regras e rituais” (BOSH, 2002, p. 57).

Para Boff, (1987, p. 44), a instauração do Reino de Deus se deu pela prática de Jesus, a qual enfatizava o contato com os pobres, com os pecadores, com os marginalizados e também com aqueles que eram indiscriminados.

A missão de Jesus

Sendo assim, percebe-se que a missão de Jesus desenvolveu uma característica desses dois tipos de profetas. Por um lado, Jesus anunciou o juízo de Deus, como se pode ver em Mateus 23:37 e Seus anúncios em Mateus 24. Dessa forma, o juízo de Deus viria um dia. Jesus parece atuar como profe-

tas clássicos do Antigo Testamento.

Por outro lado, Jesus se identifica com os líderes de movimentos. Organiza um grupo, porém não parte para a agressão, ou alguma insurreição. Sua ação se dá, visitando as aldeias e ensinando os judeus que moravam ali, como deveriam se comportar para viverem em comunidade. Além disso, Jesus apresenta uma proposta de comunidade, e uma ética com base na justiça, no amor e na verdade, ensinando as pessoas o resumo da Lei, como em Marcos 12:33 “[...] amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios”.

A missão de Jesus é desenvolvida para Israel com abrangência para os gentios. O Seu ensino e prática são voltados para o próximo, fazendo uma abordagem do que é um verdadeiro relacionamento com Deus, a partir de uma hermenêutica correta do Antigo Testamento. Mesmo sofrendo a rejeição da liderança judaica e despertando certa preocupação entre os romanos, Jesus não propôs nenhuma organização de exército, como fizeram os profetas de ação em Sua época. Na proposta de Jesus, a prática do amor supera opressão, pois seus seguidores deveriam dividir o pão e se, caso faltasse, o Pai o multiplicaria. Na proposta do Mestre, a mudança de comportamento das pessoas é fundamental, para que se tenha uma sociedade mais justa.

BIBLIOGRAFIA

- BOFF, Leonardo. *A Trindade e a Sociedade: o Deus que liberta seu povo*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BOSH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O 'Socialismo' da Primeira Crmandade*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. *Bandidos, profetas e Messias: movimentos populares nos tempos de Jesus*. Trad. Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 2007.
- WITHERINGTON III, Ben. *História e histórias do Novo Testamento*. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2005.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), Licenciatura em Letras Português

– Inglês pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI), Mestre em Ciências da Religião, área Teologia Prática pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Mestre em Letras, Filologia Românica pela Universidade de São Paulo (USP).